



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - DF
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

ANA LINA DOS SANTOS SILVA

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE TINGUIZAL MUNICÍPIO DE
MONTE ALEGRE DE GOIÁS

Planaltina-DF

2015

ANA LINA DOS SANTOS SILVA

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE TINGUIZAL MUNICÍPIO DE
MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

Monografia apresentada à Universidade de Brasília – DF, Faculdade UnB Planaltina – DF, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, área de linguagens.

Orientadoras: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa e Profa. Ma. Ana Cristina de Araujo

Planaltina-DF

2015

ANA LINA DOS SANTOS SILVA

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE TINGUIZAL MUNICÍPIO DE
MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

Monografia apresentada à Faculdade UnB de Planaltina, FUP/UnB, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em 11 de dezembro de 2015.

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa – Universidade de Brasília
(Orientadora)

Profa. Ma. Ana Cristina de Araujo – Universidade de Brasília
(Orientadora)

Profa. Ma. Severina Alves de Almeida – Universidade de Brasília
Examinadora

Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – Universidade de Brasília – UnB
Examinador

Dedico este trabalho a Deus; aos meus pais, José dos Santos e Natalina de Silva; ao meu esposo Marcos Maciel Rodrigues de Macedo; e todos os meus irmãos e irmãs, que em todos os momentos estiveram do meu lado, sempre proporcionando momentos de incentivo e ajuda constante para que eu pudesse concluir esta formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À grandeza suprema de Deus, dos antepassados de nosso povo, amigos e comunidades quilombolas.

Aos educandos da Licenciatura em Educação do campo turma 05, em especial às amigas Ana Paula Lopes de Almeida, Celuta Santos e Cássia Pereira Marinho.

Agradecimento em especial à minha mãe Natalina da Silva e ao meu pai José dos Santos e aos amigos pela torcida e apoio.

Agradeço em especial a meu esposo, Marcos Maciel Rodrigues de Macedo, pelo apoio, compreensão, companheirismo e paciência pela minha ausência.

Agradeço também todos os meus irmãos, Claudio, Junize e Alberto e todas as minhas irmãs, Cecília, Evangelina, Janaina e Maria Silva.

Meus agradecimentos também ao meu sogro Nelson e à minha sogra Neronita pela força, agradeço muito a Nelcilan Rodrigues de Macedo pelo apoio e pela ajuda durante o curso.

Agradeço a todos os colaboradores da minha pesquisa.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, pelo incentivo, e chance de estar desenvolvendo meu trabalho.

Meus agradecimentos em especial às minhas orientadoras Rosineide Magalhães de Sousa e Ana Cristina de Araujo pela paciência e compreensão.

Agradeço também aos membros da banca pela contribuição com o meu trabalho.

Agradeço também àqueles que duvidaram da minha capacidade, porque foi o que me motivou a continuar lutando.

“Tudo muda no universo, e a língua também”.

(BAGNO, 1999)

RESUMO

A pesquisa Variações Linguísticas da Comunidade Tinguizal, Município de Monte Alegre de Goiás – GO, situado na Chapada dos Veadeiros, norte do estado de Goiás é um estudo que tem por objetivos: identificar, registrar e valorizar as variações linguística da comunidade Tinguizal, a partir de suas vidas e de sua cultura. Esta pesquisa foi realizada por meio de entrevistas na referida Comunidade citada. É uma pesquisa qualitativa, na perspectiva etnográfica, embasada em Bortoni-Ricardo (2005 e 2008) que afirma que a pesquisa qualitativa permite uma investigação do problema, a partir de questões exploratórias no campo de ação sobre o tema ou objeto de estudo. Creswell (2010) que defende a pesquisa etnográfica e qualitativa como de origem antropológica que se constitui de métodos para descrever a tradição cultural de comunidades tradicionais através de informações colhidas no campo de pesquisa, por fim, ele ainda a defende como estudo dos sujeitos em seus territórios originais. O trabalho apresenta alguns resultados, como: novas reflexões acerca do tema, proporcionando a escola local e toda a comunidade repensar a prática de ensino de forma a valorizar a cultura local, em especial a variação linguística deste grupo social com especificidades únicas, possibilitando um diálogo pedagógico entre conhecimentos científicos e saberes populares e o registro de algumas variações existentes na Comunidade Quilombola Tinguizal.

Palavras-Chave: Variações Linguísticas. Comunidade Tinguizal. Cultura. Educação.

ABSTRACT

The research Language Variations of the Tinguizal Community, municipality of Monte Alegre de Goiás -GO, located in the Chapada dos Veadeiros, North State of Goiás it is a study which aims to: identify, register and valuing linguistic variations of the community Tinguizal, from their lives and their culture. This survey was conducted through interviews on referred to the community. It is a qualitative research, ethnographic perspective, based on Bortoni-Ricardo (2005 and 2008) which States that qualitative research allows an investigation of the problem, from exploratory issues in the field of action on the subject or object of study. Creswell (2010) which advocates the qualitative and ethnographic research as of anthropological origin that is to describe the cultural tradition of traditional communities through information collected in the research field, he still defends as study of the subject in their original territories. The paper presents some results, such as: new reflections on the subject, providing the local school and the whole community to rethink the practice of teaching in order to enhance the local culture, in particular the linguistic variation of this social group with unique peculiarities, enabling a dialogue between scientific knowledge and teaching lore and registering some variations exist in the community Is Tinguizal.

Keywords: Linguistic Variations. Tinguizal Community. Culture. Education.

LISTA DE ABREVIATURAS

UNB- Universidade de Brasília

FUP- Faculdade de Planaltina

LEDOC- Licenciatura em Educação do campo

TC- Tempo Comunidade

TU- Tempo Universidade

TCC- Trabalho de conclusão de curso

PIBID- Programa institucional de bolsas de iniciação á docência

EDOC-Educação do campo

LDBEM – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
1.0. DIÁLOGO METODOLÓGICO	13
1.1. Pesquisa Etnográfica	15
1.2.1. Objetivo Geral	155
1.2. 2. Objetivos Específicos	155
1.3. Procedimentos de pesquisa	Erro! Indicador não definido. 6
1.4. Contexto da pesquisa: Comunidade Tinguizal	14
1.5. Monte Alegre de Goiás	15
CAPÍTULO II	21
2.0. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: EDUCAÇÃO DO CAMPO E SOCIOLINGUÍSTICA	21
2.1. Educação do Campo	21
2.2. Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC	23
2.3. Inclusão da pesquisadora na LEdoC	27
2.4. Sociolinguística	28
2.5. Variação linguística	30
CAPÍTULO III	34
A PESQUISA NA COMUNIDADE TINGUIZAL: RESULTADO E DISCUSSÃO	34
3.1. A pesquisa de campo	34
3.2. Coleta de dados	34
3.3. Níveis de variação linguística: fonético, fonológico, morfológico, semântico e lexical – teoria e prática	34
3.4. Variedades linguísticas (Variação Linguística):	39
3.5. Quadro Registro das Variedades Linguísticas na Comunidade Tinguizal.	444
3.6. As Variedades Linguísticas existentes na Comunidade Tinguizal de Monte Alegre de Goiás numa perspectiva educacional. (diálogos e registros de palavras):	46
3.6.1. Dialogando com os entrevistados	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar, registrar e valorizar as variações linguísticas da comunidade Tinguizal, a partir de suas vidas e de sua cultura. Esse tema surgiu da minha convivência com a comunidade, das experiências vividas e dos meus conhecimentos adquiridos nas aulas da professora Regina Coelly, com a disciplina de história e memória do território, e com as aulas dos professores Rosineide Magalhães de Sousa, Dijby Mané, Roberta e Ana Aparecida, com a disciplina de Linguística e Letramento. Essas disciplinas contribuíram para realização deste trabalho.

Esta pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Tinguizal, município de Monte Alegre - Goiás. Essa comunidade, como todo o território Kalunga, situado na Chapada dos Veadeiros, norte do estado de Goiás, é resultado da luta iniciada pelos descendentes de escravos que fugiam dos cativeiros e organizavam quilombos. Os dialetos trazidos pelas pessoas escravizadas, somados às línguas indígenas, marcaram o uso da língua naquela comunidade. Na comunidade pesquisada, a linguagem apresenta-se de forma diferenciada do português padrão, e isso leva as pessoas desta comunidade a serem vítimas do preconceito linguístico.

Conforme a antropóloga Baiocchi (2001) um dos pontos importantes para a formação das variações linguísticas da comunidade Kalunga é a influência cultural de vários países da África, Ásia e da Europa. Quando a comunidade apresenta um dialeto diferente da língua padrão, Bagno (2003) explica como sendo variação da língua. Este autor apresenta a variação ou diferença da língua em quatro formas: fonéticas, lexicais, semânticas e sintáticas.

Apesar de as variações linguísticas presentes na comunidade Tinguizal serem comuns a todas as línguas, os povos que lá vivem ainda são vítimas de preconceito por falarem diferente da língua padrão. Devido às variações, o povo da comunidade tinha medo e até mesmo vergonha de se comunicar com outras pessoas de regiões diferentes. Com a construção das estradas e facilidade de transporte, ficou mais fácil o diálogo com outras etnias. Com o acesso às escolas as pessoas tiveram acesso à norma padrão, e isso está causando uma adaptação a outro estilo de fala, deixando para trás traços da sua identidade linguística.

Esta pesquisa tem o intuito de somar e contribuir com a construção de um olhar reflexivo sobre as variações linguísticas da comunidade Tinguizal. Além disso,

pretende mostrar que as mesmas são de fato comuns a todas as línguas e que as mudanças linguísticas são resultado de diversos fatores. Em decorrência disso, as mesmas não podem ser consideradas como certas ou erradas, mas sim diferentes do português padrão.

Outro objetivo importante da pesquisa é mostrar algumas abordagens sobre causas que tem proporcionado as mudanças constantes das linguagens com interferência da língua portuguesa, agora trazida pela nova geração. O trabalho surgiu devido à pesquisadora ter crescido ouvindo críticas sobre o modo de falar e o vocabulário usado pelo povo da comunidade Tinguizal. É importante enfatizar que estes povos são vítimas do preconceito linguístico pelo fato de os mesmos falarem de forma "engraçada", sendo que na verdade é apenas diferente, tendo como explicação o resultado do processo de formação cultural da língua portuguesa, que é chamada de variação linguística.

Apresentar as variações linguísticas existentes na comunidade Tinguizal e abordar os principais fatores que contribuíram para a formação linguística destes povos. Além disso, mostrar que essas variedades linguísticas são de fato comuns a todas as línguas e as mesmas devem ser respeitadas e resgatadas.

Esta monografia está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo está tratando do procedimento da pesquisa e o histórico da comunidade e sua cultura; o segundo capítulo discute a Educação do Campo e a variação linguística; e o terceiro aborda os níveis da variação linguística da comunidade a traz as análises das entrevistas.

CAPÍTULO I

1.0. DIÁLOGO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa qualitativa, na perspectiva etnográfica, embasada em Bortoni-Ricardo (2005) e Creswell (2010). De acordo com Bortoni-Ricardo (2005) a pesquisa qualitativa permite uma investigação do problema, a partir de questões exploratórias no campo de ação sobre o tema ou objeto de estudo.

Creswell (2010) defende a pesquisa etnográfica e qualitativa como de origem antropológica se constitui de métodos para descrever a tradição cultural de comunidades tradicionais através de informações colhidas no campo de pesquisa, por fim, ele ainda a defende como estudo dos sujeitos em seus territórios originais. Nesta pesquisa, recorreremos à entrevista oral. Registramos, no decorrer deste capítulo, o contexto de pesquisa, as perguntas, as pessoas pesquisadas, os objetivos e o perfil de cada sujeito colaborador da pesquisa.

O presente trabalho de pesquisa surge da necessidade de refletir e discutir a variação linguística na Comunidade Tradicional Tinguizal considerando seus aspectos sociais, culturais e econômicos e toda a diversidade que a compõe. Compreender as complexidades linguísticas dos falantes de uma comunidade além de estar preservando valores, promove e possibilita o entendimento da cultura e dos saberes local. Essas complexidades da língua de um determinado grupo devem ser também estudadas e compreendidas no contexto escolar, pois a educação tem fundamental importância na vida de um cidadão ou cidadã, mas a significação do saber depende da importância que o mesmo terá no âmbito comunitário.

O método abordado nesta pesquisa será o qualitativo, devido ao mesmo estar vinculado às diferentes concepções filosóficas, estratégias de investigação, coleta, análise e interpretação dos dados adquiridos, como apontado por Creswell (2010). De acordo com esse autor, os pesquisadores que tem como referencial a qualificação da pesquisa e tendem a coletar dados no campo e no território onde os colaboradores vivenciam o problema em estudo, ou seja, o objeto de pesquisa. Desse modo, todas as informações são coletadas por meio do diálogo direto com as pessoas, da observação entre os sujeitos de pesquisa do comportamento e ações dentro do contexto do campo pesquisado.

A pesquisa qualitativa, portanto, é tomada como método de investigação e interpretação de fatos, de modo que os pesquisadores se certificam do que enxergam, ouvem e entendem, ainda que as origens, a história e o contexto cultural esteja fortemente correlacionados.

Creswell (2010) nos faz entender que os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes da pesquisa vivenciam a questão e o problema que está sendo estudado.

Esta pesquisa é qualitativa porque foi através de conversa espontânea, com perguntas orais, que tanto o entrevistado quanto a pesquisadora se sentiam a vontade para o debate, e através disso a pesquisadora foi fazendo a coleta de dados necessários para responder as questões principais da pesquisa. Creswell enfatiza que

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os investigadores fazem uma interpretação do que enxergam ouvem e entendem suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, histórias, contexto e entendimento anteriores. Depois de liberado um relato de pesquisa, os leitores, assim como os participantes fazem uma interpretação, oferecendo, ainda outras interpretações de estudo (CRESWELL, 2010, p. 209).

De modo geral, uma pesquisa qualitativa exige do pesquisador a capacidade de técnicas convencionais científicas, como observação minuciosa dos materiais pesquisados, origem, dados técnicos, argumentações, veracidade de fatos expostos, comprovação das fontes, projeção das ideias e valores defendidos e ou criticados, entre outros elementos e características fundamentais deste tipo de pesquisa.

1.1 Pesquisa Etnográfica

A pesquisa etnográfica é realizada no contexto de vida de um determinado grupo social, observando seu espaço, organização social, geográfica, econômica e cultural, desse modo o pesquisador (a) pode ter uma melhor visão do objeto de pesquisa.

A pesquisa etnográfica visa compreender os significados atribuídos pelos pesquisados no seu contexto, a sua cultura, e todas as especificidades que compõe o grupo social, utilizando de técnicas descritivas densa do contexto pesquisado e estudado. Essa análise profunda de uma realidade busca inserir o sujeito em

realidade situacional da qual se possa extrair daí significados e valores de acervos documentais, históricos, culturais, sociais, econômicos, educacionais e outros.

Ao pesquisar a Comunidade Tinguizal, no contexto da Variação Linguística, pretende-se observar por meio de vivências e experiências na comunidade como os indivíduos se comunicam e quais as complexidades linguísticas desta comunicação. Além da observação, é importante o registro ou a coleta de dados, apresentados em forma de diálogo, documentos, livros, entre outros, para que se possa comprovar as afirmações ou não de determinado conhecimento ou tema exposto.

A proposta etnográfica valoriza o cenário, dialoga com a teoria e busca responder a algum de tipo de indagação ou demanda. Para que venha a surtir efeito legal, científico e de futuras fontes de consultas para pesquisas e estudos, a pesquisa etnográfica deve se basear em dados coerentes ao que se espera da indagação ou tema pesquisado. Neste contexto, as entrevistas buscam, por meio da oralidade, as respostas de vivências e experiências ao longo da história dos quilombolas. A pesquisa etnográfica visa à valorização dos saberes e fazeres de um determinado grupo social, ou seja, de sua cultura.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Realizar uma pesquisa de campo sobre as variações linguísticas existentes na comunidade Tinguizal, abordando os principais aspectos e fatores que contribuem para a formação linguística deste grupo social.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Investigar como são vistas e avaliadas as variações linguísticas na comunidade Tinguizal.
- Registrar as variedades existentes na comunidade Tinguizal.
- Valorizar, mostrar e resgatar as variações linguísticas da comunidade Tinguizal no contexto educacional.

1.3 Procedimentos de pesquisa

A pesquisa de campo foi desenvolvida por meio da oralidade, através de um bate papo comum, porém seguindo normas de organização das ideias que a

pesquisa demanda. Mesmo sendo entrevista oral, cada pergunta estava previamente elaborada, de acordo com os referenciais teóricos e metodologia de pesquisa.

Como a comunidade é familiar, cada passo e cada conversa seguia a normalidade de um bate papo comum, com o intuito de preservar a simplicidade da oralidade exposta pelos pesquisados. Na medida em que o assunto se estendia para outros aspectos, de maneira simples e com certo cuidado buscava a retomada do tema e do foco da conversa.

1.4 Contexto da pesquisa: Comunidade Tinguizal

A comunidade Tinguizal está situada no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga em Monte Alegre de Goiás. É uma comunidade com grande diversidade de cultura, saberes populares, valores e crenças.

É um espaço geográfico ao qual antigamente se tinha difícil acesso, dificuldade intencional pelas pessoas que fundaram a comunidade, há centenas de anos. A escolha de um lugar de difícil acesso e longe da cidade se deu devido à escravidão, os negros que criavam os chamados quilombos selecionam os lugares entre serras, vales e rios, para que não fossem encontrados pelos senhores e capitães do mato. Atualmente, é uma comunidade muito visitada, conta com estradas, circulação de carros e motos.

Na comunidade Tinguizal muito ainda se valoriza o jeito simples de lidar com as coisas da natureza, com as relações sociais e comunitárias. Muitos aspectos culturais ainda são preservados, como as cantigas, danças, as folias, entre outras manifestações. Um desses aspectos que é o tema desta pesquisa é a linguagem utilizada pela maioria dos quilombolas com suas especificidades e complexidades linguísticas, herança de um passado do qual eles estavam expostos à diversidade de culturas de sua terra natal, como a África e países europeus.

Tinguizal é uma dessas comunidades que parece que o tempo parou, quando se trata de costumes e crenças, mas já é visível possíveis transformações neste cotidiano, causadas pelas constantes relações educacionais, sociais, culturais e econômicas com outros grupos. Para os mais velhos praticamente tudo ainda é como era antes, para as novas gerações algumas manifestações e tradições já não são tão significativas e enraizadas. É o caso linguagem, muitos jovens se envergonham da forma como falam e por meio da educação escolar tentam a todo

custo excluir os seus modos de falar. A pesquisa aborda a temática considerando a discussão de rica importância para a comunidade Tinguizal e sua gente.

1.5. Monte Alegre de Goiás

Baiocchi (2001) afirma que foi durante a extração do ouro no município de Cavalcante que Monte Alegre de Goiás fundado, entre os anos de 1740 a 1769.

Grande parte das famílias da Comunidade Quilombola Tinguizal veio desses três municípios onde estão localizadas todas as comunidades que formam o Sítio Histórico e Cultural Quilombola Kalunga, inclusive a Comunidade Tinguizal, situada no município Monte Alegre de Goiás – GO. Para se chegar à Comunidade Tinguizal tem que enfrentar o difícil acesso, característica de que todas as comunidades quilombolas, que na época de suas formações e ou fundações, considerava o difícil acesso como proteção e barreiras contra a os seus opressores quando seus antepassados ainda eram escravizados. Tinguizal tem 48 famílias e está a aproximadamente 78 km da sede do município. Possui riquíssima diversidade cultural e potencialidades diversas de economia sustentável, como o turismo cultural e outros.

A cultura e a sustentabilidade estão vinculadas aos valores e saberes que cada comunidade construiu e alcançou ao longo da sua história, não sendo necessariamente as riquezas propriamente econômicas, ou seja, os bens e patrimônios naturais como suas plantações entre outros. A visão de valores e saberes hoje tem concepções diferentes, a identidade cultural de uma comunidade pode e muito possibilitar a melhoria de vida de todos que nela vivem.

O quilombo é um lugar de vivências culturais muito fortes, pois se trata de um grande painel de culturas não só africanas, mas de traços portugueses, indígenas e outras. Sons, palavras marcantes, cantigas, cores e tantos outros elementos se misturam nas cantigas e danças, nos espaços de produção, nos momentos familiares, nos momentos de extrema necessidade de sabedoria, como nas doenças e nos partos. Como já dito antes, o quilombo foi, ao longo de anos, um grande laboratório, muito se preservou e muito se criou ou recriou para sobrevivência da comunidade. É como se de uma receita de vida já pronta dada pelo sistema de escravidão fosse aos poucos ganhando novos ingredientes, que talvez tenham sido a salvação dos quilombos.

Os rituais religiosos de origem portuguesa, como louvor ao Santo Reis, ao Divino Espírito Santo, São João e outros, são hoje observados nas folias Santas que giram pelas comunidades durante dias, grandes festas que alteram até mesmo o calendário local. Os quilombolas acrescentaram a esses rituais elementos próprios, como o jeito de cantar ou de louvar, o formato de comunidades temporárias só para os dias de festas, conhecidos como acampamentos de folias e outras denominações. Ainda, as rezas em dias santos, os partos realizados em sua maioria ainda preservados os conhecimentos africanos e portugueses, mas com extrema sabedoria quilombola que ao longo de anos foram ganhando novos significados.

Apresentamos, a seguir, mapas do sítio histórico Kalunga. O primeiro está disponível no Google maps¹, e o segundo em Araujo (2004).

¹Disponível

em:

<https://www.google.com.br/maps/place/Monte+Alegre+de+Goi%C3%A1s,+GO/@-14.078113,-50.824261,6z/data=!4m2!3m1!1s0x9348d737f66e6993:0xc0ed09ad59d40ae9>. Acesso em 01/11/2015

CAPÍTULO II

2.0. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Educação do Campo e Sociolinguística:

2.1 Educação do Campo

A Educação do Campo recebeu maior notoriedade depois da LDBEM – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) em seu Art. 28º, que destaca: Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.(LDBEM 1996)

Talvez por motivos ideológicos, seja cultural ou políticos pouco se registraram as questões educacionais no Brasil em nível de uma geografia social e espacial rural. É que o tema na verdade não causa muito interesse de intelectuais, do estado e dos seguimentos de ensino, visto que o campo é para muitos lugar de roça, de vida simples, sem necessidade de acesso a cultura, a educação e outros direitos.

Mas essa visão tem mudado ao longo das ultimas décadas, surgindo novas referências de estudos e pesquisas, além de cursos e capacitações acerca do tema. O meio rural ao longo da história foi e é um importante espaço de vivência social, cultural e econômica, ou seja, lá se vive a família com mais proximidade, afeto, relações firmes e concretas, saberes e conhecimentos são preservados, a sustentabilidade do país acontece porque é no campo que se produz a maior parte dos produtos alimentícios.

Enquanto Educação do Campo para o homem do campo há que se pensar e repensar no fazer pedagógico, enquanto referências curriculares, projetos de ensino, planos de ensino, organização do trabalho pedagógico e toda a sua sistemática metodológica e estratégica, de modo a tratar a educação do campo, partindo do pressuposto de que esta deve propiciar a transformação deste espaço, enquanto grupo social, cultural e econômico. Ao se tratar do espaço quilombola, a educação

do campo deve ainda rever conceitos e atitudes de práticas pedagógicas, uma vez que trata de grupos sociais com especificidades especiais, seja na cultura, no jeito de produzir o sustento e na forma de preservar seus valores na cultura popular.

A Educação do Campo é um tema que atualmente tem sido de grande importância nas escolas, universidades e no próprio campo, revendo conceitos, métodos e formas de melhor desempenhar a mediação pedagógica com um ensino de qualidade e significância para as pessoas que vivem no campo.

Alguns poucos autores relataram suas concepções, experiências e ou vivências práticas de educadores, porém ainda há muito que pesquisar, uma vez que outras temáticas como êxodo rural, crescente desmatamento e cultivo de lavouras de soja e outros, o desgaste ecológico e quase que total esmagamento dos pequenos agricultores familiares, estes, necessitados de atenção por parte do estado e das instituições que deveriam aplicar os direitos dos mesmos. O espaço quilombo é um lugar de estreitas relações sociais, de grande diversidade de valores, costumes e saberes populares de uma riqueza incalculável.

Os camponeses em sua maioria unidos pelos valores da terra cumpria ao longo da história o seu triste papel à margem dos interesses políticos do Estado Brasileiro, que cumpria o mínimo possível com a oferta de educação. Relegada a elite, a educação qualitativa nunca chegava de fato ao cenário do campo, em poucos momentos se viu escolas do campo para o homem do campo. Os poucos capítulos históricos que descrevem toda a saga do homem do campo, é permeado de lutas e de constantes tentativas de se firmar uma educação do campo para o homem do campo.

As organizações sociais representativas do seguimento social campo, ao longo da história questionou o papel do estado Brasileiro e das instituições de ensino, apontando novos caminhos e perspectivas de educação para a libertação e transformação social, cultural e econômica do homem camponês, hoje bastante conhecido como agricultor familiar. As novas gerações camponesas que hoje cursam uma faculdade é o resultado de lutas de gerações passadas que enfrentaram a concentração de poder do estado e dos latifundiários que limitava o acesso dos menos favorecidos a educação, saúde e outros direitos básicos.

A Educação do Campo, para o homem do campo ainda busca acertar no que diz respeito; prática do ensino, envolvendo os conhecimentos científicos sistematizados-cultura e saberes populares, entre outras especificidades. Mais uma

vez, depois de longos anos de lutas, ainda há uma nova luta, a de conceder a aprendizagem significativa a quem destina, como forma de contribuir com a realização plena do homem em seu espaço de vivência em comum acordo com suas especificidades. A licenciatura em Educação do Campo – Ledoc contribui para esta conquista.

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por isso tudo, o campo é lugar de vida e, sobretudo, de educação. (FERNANDES, 2005, p. 137)

As políticas públicas e programas educacionais ainda não sustentam as necessidades da Educação do Campo, está carente de estruturas físicas, alimentação compatível com a alimentação dos alunos.

Portanto, os políticos estão usando a Educação do Campo como forma de negócio, para eles pouco importa, o que vale são as demandas, o poder. Devido a isso surge a má educação a falta de um professor capacitado na área. E o que eles querem é isso um sujeito mal formado para que não cheguem ao mesmo nível que eles.

Uma escola do campo tem que estar de acordo com a vida do camponês, com uma escola de qualidade com princípio educativo, enfim a educação do campo tem por meio de mudar e tornar isso realidade, é a política tem por objetivo a desterritorialização do camponês e o fortalecimento do agronegócio. Onde quer tornar os sujeitos do campo subordinado, alienado ou até mesmo eliminado, onde não tem história e nem identidade, pois ao mesmo tempo em que o capital o subordina também exclui. As causas para o fechamento de escolas são inúmeras, eles pensam somente para eles, em reduzir os gastos públicos.

2.2. Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

Segundo o Projeto Político Pedagógico da LEdoC, o curso tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Pretende formar e habilitar profissionais na educação fundamental e

média que ainda não possuem a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo. O curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno.

Formação que ao longo de anos foi negada ao homem do campo pelos sistemas de ensino. Com a formação espera-se promover no campo a inquietação positiva e necessária para tornar o homem do campo capaz de reescrever sua própria história por meio de uma educação envolvida no campo para o homem do campo em sua coletividade social, cultural e econômica. A proposta é possibilitar ao homem do campo reestabelecer suas raízes no campo, ou, permitir que eles se decidam ficar ou não em seu espaço de vivência.

A qualificação da educação do campo é um sonho de todos que nele vivem, criam, recriam a realidade e se sustentam. Ocorre que até pouco tempo os sistemas de ensino produziam a educação para o ser humano, pensando, agindo e tentando moldar o perfil de cada grupo social. A proposta de ensino chegava às comunidades prontas para ser ensinadas sem com isso, preocupar com a história local, os problemas sociais, econômicos e culturais. Daí que no seu contexto histórico, entre tantas outras especificidades, está à linguagem, os costumes, o jeito popular de ser e viver. O preconceito prevalecia contra essas culturas de cada grupo social. No contexto da educação do campo, inúmeros valores devem ser observados e tratados com ética e muito respeito. A Educação do Campo valoriza esse lugar de vida, que é também lugar de comunicação, de falas, de compreensão, diálogo e entendimento da realidade.

A LEdoC quer em sua proposta político pedagógica romper as limitações até então posta para impedir que a educação fizesse seu papel de mediadora entre homem e expectativas de vida em sociedade, seja no campo ou na cidade. Uma proposta pedagógica de formação de educadores para atuarem no campo, requer então um diálogo com o campo, uma parceria e articulação capaz de aproximar o máximo que puder a comunidade distante, da proposta curricular da universidade por meio de seus educandos universitários. O educando universitário traz suas demandas, e suas culturas. Na universidade juntam e formam um grande laboratório

de experiências e vivências comuns do ensino, e reconhecimentos dos diferentes espaços e realidades do campo.

Em se tratando dos quilombolas, é significativa a participação de seus educandos em um curso de licenciatura, pois são comunidades com culturas muito específicas em especial a linguagem que os mesmos têm como marcante ao longo da história. Os quilombolas por longas décadas lutaram por este direito, de poder concluir uma formação, até poucos anos atrás impossível. É importante assinalar que ao longo da história os quilombolas perderam parte desta cultura, o jeito de falar e se comunicar entre si e com os demais grupos sociais. Isso ocorreu devido ao preconceito que os mesmos sofreram ao longo de muitos anos. É que o jeito deles falarem, nomear as coisas comuns do dia a dia, não é respeitado por outros grupos sociais. Carneiro ilustra o quilombo, em suas palavras;

O quilombo é, portanto, um acontecimento singular na vida nacional, seja qual for o ângulo por que o encaremos. Como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos estes aspectos o quilombo revela-se como um fato novo, único, peculiar, uma síntese dialética (CARNEIRO, 1988, p.14).

Dialética, peculiaridade, especificidades, são palavras chaves que pode melhor formatar os quilombolas com suas riquezas culturais que permeiam diferentes contextos e saberes. A LEdoC adota o sistema de educação que possibilita ao educando vivenciar durante todo o curso os dois espaços, ou seja, universidade e comunidade. Essa vivência acaba que tornando o modo de ver o espaço comunitário um tanto diferente, ou seja, os educandos universitários a cada vez que retornam para suas comunidades trazem na bagagem inúmeros conhecimentos e indagações, processo que ocorre também de maneira inversa.

A teoria dialoga eticamente e democraticamente com a vida prática nas comunidades, saberes até então não muito bem vistos ou valorizados pelos próprios educandos em suas comunidades, agora são objetos de pesquisa. É fato que a maioria das pessoas quilombolas, de alguma forma, já se sentiu constrangida ou tímida ao ter que expor sua cultura. Essa realidade tem mudado na atualidade, e isso pode ser observado por meio de sua autoestima. O constrangimento aqui exposto trata-se do resultado do preconceito ao longo de anos os quilombolas sofreram. A pedagogia da alternância é então o foco, a metodologia de mediação de

um ensino superior que dialoga com as comunidades de seus educandos desde o processo de formação inicial até a conclusão do curso, como é o caso do TCC.

A pedagogia da alternância pode constituir-se uma alternativa interessante a ser utilizada no processo de escolarização no meio rural, pois utiliza uma metodologia de ensino-aprendizagem que oportuniza meios para que o agricultor torne-se, na perspectiva da economia popular solidária, um agente multiplicador de técnicas inovadoras para o desenvolvimento no lugar onde ele ou ela está inserido, criando suas próprias condições de trabalho, a partir da vivência que ele ou ela tem do conhecimento de que é capaz de gerar (MOLINA, 2010, p.22)

É importante ressaltar que as comunidades do campo, em especial a comunidade quilombola numa perspectiva de transformação e sustentabilidade esperam que as inovações técnicas contribuam com a economia popular solidária nesses espaços, de maneira a não prejudicar os valores culturais das localidades.

O discurso de que o desenvolvimento pode destruir a cultura de uma comunidade é um tanto antidemocrático e pessimista, do ponto de vista que, nenhuma comunidade na sociedade atual, mesmo rural, não tenha a necessidade de desenvolver – se com o simples medo de perder sua identidade. Portanto, introduzir novas tecnologias em comunidade com especificidades e peculiaridades tão distintas, requer estudo, projetos de viabilidade econômica, cultural e social, tornando o diálogo entre os valores e saberes da comunidade e as novas tecnologias.

Vale lembrar que ao longo de tantos anos de formação e isolamento, o quilombo se tornou por muito tempo um espaço de saberes tradicionais sem interferências externas, preservando por centenas de anos suas raízes culturais e parte da diversidade cultural que seus escravizadores, os portugueses, implantaram no Brasil Colônia. Embora forçados a este sistema de vida, os negros africanos de certa forma, além de preservar tudo que já tinha em suas bagagens culturais trazidas da África, criaram novas tecnologias sociais, e saberes culturais para assim sobreviver no restrito espaço comunitário. A formação de uma Língua ao longo de tantos anos foi cada vez mais se intensificando e ganhando estruturas próprias, tanto que se destaca ao ser falada nos diálogos com outras comunidades e pessoas não quilombolas.

A LEdoC está repensando e reconstruindo esses saberes de modo que o educando universitário e futuramente licenciado em Educação do Campo (EdoC)

possa intervir neste espaço, causando positivamente a tão esperada inquietação e transformação da realidade. As variações linguísticas é de fato algo complexo a ser pesquisado como objeto de estudo sem com isso causar preconceitos e desvalorização desta distinta cultura linguística.

É que na Comunidade em destaque muito se percebe um jeito próprio de falar, de dar nomes as coisas, fatos e fenômenos, o que não configura erros de expressão ou de fala. Os estudos e pesquisas na comunidade contribui para construir um perfil desses falantes, comunicadores que ao longo da história foram englobando em seu dialeto outras culturas linguísticas. Aí que surge a formação em Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, que no contexto da complexidade deste tema vem contribuir com este estudo, objetivando então dar uma significação maior a cultura quilombola, espaço campo de grandes riquezas, entre elas a língua e suas especificidades.

2.3. Inclusão da pesquisadora na LEdoC

Em certos momentos da vida cotidiana nas comunidades quilombolas, os jovens discutem o futuro profissional de cada um e debatem a permanência de ambos em suas comunidades, de maneira a sustentarem enquanto quilombolas em suas próprias terras e no berço de suas próprias raízes culturais, sociais e familiares. A reflexão é, portanto, muitas vezes um debate caloroso, onde opiniões se divergem, entre os que desejam saírem em busca de estudos e melhores condições de vida econômica e os que defendem a permanência em suas comunidades, se autossustentando em seu próprio espaço de vivência. A maioria decidem ir à busca de melhorias por meio dos estudos, alguns voltam para suas comunidades e outros continuam em seus destinos escolhidos para buscar a sua sustentabilidade econômica.

Foi dentro destes momentos de discussão e debate, que ideias de como poderíamos resolver tais demandas foram surgindo, entre elas: desenvolver projetos sustentáveis de produção econômica por meio um turismo ecológico e cultural, formação de educadores quilombolas para preencher vagas nas várias salas de aulas quilombolas até então ocupadas por pessoas da cidade. O surgimento da Licenciatura em Educação do Campo torna, em parte, a realização de algumas dessas ideias.

Esta pesquisadora passou a conhecer a UnB por meio de amigos, onde conheceu o curso e toda sua proposta de licenciatura na área da educação para o campo. Admirou-se com que o curso poderia trazer para sua formação e futuramente para a sua comunidade. Estava ainda cursando o curso de ensino médio, quando sua colega disse que mesmo cursando assim poderia prestar vestibular. Tomada de felicidade, a pesquisadora fez a inscrição e agora está concluindo o curso. Os estudos não foram tão fáceis, mas os educadores da universidade são muito justos, competentes e compreensivos, o que facilitou a chegada até este momento.

Para muitos os quilombolas têm que continuar no quilombo, alguns defendem essa ideia de maneira positiva, outros por quererem os quilombolas longe da modernidade e dos direitos a uma vida digna e financeiramente melhor. Para nós quilombolas, buscamos com toda força o direito a escolha. E diante deste contexto, resolvemos ir além, sair em busca de uma formação acadêmica que pudesse futuramente amparar o meu direito de ser uma profissional capacitada para trabalhar em nossas comunidades ou em qualquer outro lugar. A vitória está bem próxima, porém ainda queremos ir além, em busca de novos horizontes, ou seja, fazer outros cursos.

2.4. Sociolinguística

A sociolinguística é uma área da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade e dá ênfase ao caráter institucional das línguas, fazendo a análise e estudo do comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas existentes, neste contexto a Comunidade Tinguizal – Kalunga de Monte Alegre de Goiás.

A introdução de componentes de natureza social e funcional no objeto de estudos da linguística tornou muito temerária a simples importação de modelos teóricos, pois já não se trata apenas da transposição da análise de uma língua para outra. As diferenças na estrutura social, nas normas e valores culturais, que condicionam o comportamento linguístico, têm de ser devidamente consideradas (BORTONI-Ricardo 2005, p 20).

A Sociolinguística como parte dos direcionamentos da Linguística está ligada ao estudo da comunidade de fala, ou seja, do grupo social (Comunidade Quilombola

Tinguizal) das correlações entre aspectos linguísticos e sociais, para assim encontrar ou observar a variação linguística. A sociolinguística investiga, aponta diagnósticos de uma possível variação linguística. A comunidade de fala é o grupo social com suas especificidades históricas e geográficas, culturais, sociais e econômicas. Para compreender a possibilidade de uma variação linguística é preciso conhecer esses aspectos anteriormente citados no grupo social.

A maioria dos estudos sociolinguísticos volta-se para três tipos de situações: sociedades multilíngues ou multidialetais; comunidades falantes de crioulas ou pós-crioulas; dialetos ou variedades urbanas e/ou étnicas em países industrializados onde a alfabetização é universal. Nenhuma dessas correntes parece perfeitamente adequada à descrição dos fenômenos sociolinguísticos no Brasil. O Brasil um dos poucos países monolíngues de grande extensão territorial e vasta população. Somente pequenos contingentes dessa população – comunidades indígenas e descendentes de imigrantes europeus e asiáticos não tem o português como língua materna e exibem variados graus de bilinguismo (BORTONI-RICARDO, 2005, p.20)

Na comunidade Tinguizal podemos observar que a forma de comunicar-se, seja na expressão da palavra, nos sons e nos significados da mesma, é bem distinta de outras comunidades não quilombolas. Fica claro que há uma identidade própria, criada e modificada a partir de outras formas de linguagens, seja da herança africana, europeia e indígena. Sim, ao longo de centenas de anos, desde o processo escravista, os quilombolas viveram inúmeras experiências com outros de grupos de falantes com suas linguagens próprias, o que surgiu o padrão de fala dos mesmos até os dias de hoje. É importante que se faça uma correlação da linguagem de uma comunidade tradicional com outras comunidades urbanas e os processos econômicos que influenciam o grupo social pesquisado, conforme propõe Bortoni-Ricardo (2005):

A aplicação da teoria e dos métodos desenvolvidos para a análise da dialetologia urbana em nações industrializadas. Em vez de uma simples importação de métodos analíticos, recomenda-se o estudo rigoroso da teoria sociolinguística, o que permitira o surgimento de metodologias ajustadas ao objeto específica de estudo. Os problemas de adequação teórico-metodológica já se iniciam na própria caracterização da sociedade brasileira como uma comunidade de fala (BORTONI-RICARDO 2005, p.21).

Aqui podemos observar que o resultado de todas as falas dos quilombolas se deu por meio da interação social entre eles e outros grupos de falantes, porém

podemos ressaltar que nem sempre essa interação estabeleceu positivamente aspectos relevantes. Não que os quilombolas não tenham esses princípios, do modo de viver deles sim em seu contexto social, porém a sociedade escravista os tirou todos do contexto social como um todo. Alguns quilombolas afirmam ter vergonha do jeito de falar, alegando que falam errado por que não tiveram direito a ir à escola, ou até mesmo por não terem uma educação de qualidade.

Não se sabe ao certo ainda que os mesmos expressem certos ou errados. O que sabe é que de certa maneira ninguém fala errado, eles criaram suas próprias falas e significados para as coisas e se entendem por meio de seus próprios mecanismos de falas e simbologias da realidade. Ainda foi possível registrar alguém de um grupo de falantes considerados cultos e padrão, dizer que não consegue se entender com uma pessoa quilombola por meio da fala. Então logo se pode notar que não há uma língua estranha, apenas uma língua enriquecida de outros significados, resultados de outras interações sociais ao longo da história.

2. 5. Variação linguística

Em todo grupo social há uma identidade cultural, adquirida ou produzida ao longo de uma história, o que muitas vezes resultam em diversidade de valores, ideias e tradições. A língua é então uma dessas diversidades, que ao longo da formação social, cultural e econômica, do movimento interno e externo do grupo, se torna a marca de uma comunidade falante. É o caso da Comunidade Tinguizal-Kalunga de Monte Alegre de Goiás.

A linguística deve considerar os aspectos a que o grupo social está inserido, possibilitando um diálogo entre o estudo formal da língua e as diversidades da mesma na comunidade, o que chamamos de variação linguística.

A comunidade Tinguizal é um espaço de vivência social que requer atenção especial no trato do fazer pedagógico, pois traz em sua história uma grande riqueza de experiências com outros grupos sociais, o que resultou em identidade cultural única. A variação linguística no contexto da Comunidade Tinguizal, embora pertencente a uma única comunidade linguística “o português”, agregou ao longo da história novos arranjos e significados, por vezes como forma de defesa, outras, devido à diversidade cultural a que tiveram expostos durante séculos.

O tratamento das questões gramaticais, sobretudo no que diz respeito à nomenclatura, é hoje um grande dilema para o ensino. Há, por um lado, os que afirmam categoricamente que o ensino da língua materna deve se centrar no trabalho com a compreensão e a produção textual, sem se preocupar com questões de natureza estritamente gramatical. Por outro lado, há os que acreditam que o estudo da língua não deve se eximir de tratar da nomenclatura da gramática normativa e que esta é condição importante para o uso da língua em suas modalidades escrita e oral (ROCHA E MARTINS, 2014, p.181-182)

Certamente na sociedade em que vivemos necessitamos compreender e conhecer a língua padrão de uma comunidade estrategicamente maior, ou seja, global, para que possamos nos comunicar tanto pela oralidade quanto pela escrita formal, atendendo às normas de determinada situação, como acesso ao emprego, diálogos com falantes de outras línguas, estudos acadêmicos e científicos. O que se deve estabelecer é a capacidade de não perder a identidade cultural no que diz respeito à língua falada em um determinado grupo social, propiciando respeito e preservação dos valores sociolinguísticos da comunidade.

O Brasil ainda não se conferiu a devida atenção a influencia da diversidade linguística no processo educacional. A ciência linguística vem, timidamente, apontando estratégia que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando (BORTONI-Ricardo 2005, p.19)

No decorrer deste trabalho de pesquisa houve uma indagação que ganhava certa inquietação: até que ponto a fala das Comunidades Quilombolas seriam erros de falas e de comunicação e ou ainda variação linguística com cunho de identidade cultural a ser preservada? A resposta que se pôde dar ao longo da pesquisa é que as especificidades que englobam a fala e seus falantes quilombolas são resultados da história, da participação social, cultural e econômica dos mesmos na construção desde país, o Brasil. Não há indícios de que a fala seja, portanto considerada erro, mas sim ajustes que resulta na variação linguística.

O Brasil é um país de grande diversidade, com grupos de falantes variados distribuídos em sua extensa localidade e complexidades éticas, tendo em suas características especificidades que não devem ser tratadas de maneira preconceituosa e exclusiva. Bortoni Ricardo (2005) ressalta que a sociedade vive em constante transformação social, movimentos no tempo e no espaço, produzindo e reproduzindo significados sociais, culturais, econômicos, entre outros. Essa

transformação e movimento contribuem para a construção também de significados que envolvem a comunicação, ou seja, a língua em seu grupo social contextual e ou global.

Ocorre que os movimentos dos grupos sociais e da sociedade como um todo, pode também sofrer ajustes, ganhar ou perder significados. Para alguns grupos sociais tradicionais, por exemplo, a necessidade de sobreviver na modernidade fez com que algumas características sociais, culturais econômicas fossem ao longo do tempo esquecidas, excluídas do grupo, como a língua por exemplo. Na Comunidade Tinguizal-Kalunga de Monte Alegre de Goiás, muitos de seus sujeitos estão migrando para a cidade grande em busca de vida melhor, estudos e outros. Ao chegar à cidade grande, muitos se sentem diferentes e sem saber como lidar com a situação, optam por excluir de suas falas a língua expressão de sua comunidade.

Das sociedades ditas tradicionais, conserva o Brasil pelo menos duas características: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão. Apresenta, todavia, a característica da fluidez e permeabilidade típicas das sociedades modernas, que resultam numa situação de um gradiente de variedades linguísticas, muito diferente da dialetação discreta e compartimentada das sociedades de casta (BORTONI-RICARDO 2005, p.22)

Diante do exposto, espera-se que a educação possa reconhecer-se de fundamental importância na mediação do saber que venha a propiciar diálogo respeitoso entre norma padrão e a língua utilizada em determinado grupo social. É, portanto, uma discussão que ainda levará anos para ser compreendida, pois trata de sobrevivência de grupos tradicionais em meio uma sociedade excludente dos falantes de uma determinada língua com características que não atendem aos padrões globais. Bortoni-Ricardo 2005, reafirma que:

[...] as diferenças entre essas variedades e a língua padrão tendem a ser, porém, de menor amplitude, restringindo-se ao âmbito da fonologia da pronúncia e a alguns traços morfossintáticos. Opõe-se a essa força outro vetor, o da manutenção das variedades não padrão, que se apoia principalmente em fatores de natureza psicossocial, pois essas variedades tendem a ser associadas à dimensão de solidariedade nas relações intragrupo e passam a funcionar como símbolo de coesão e identidade (BORTONI-RICARDO 2005, p.23)

Antes de tudo, a autora tenta conscientizar seu leitor de que, em todos esses casos, estamos diante de diferenças e não de "erros". Do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua.

Não se trata de considerar a Comunidade Tinguizal como desprovida de aspectos cultos e padrão quando trata da linguagem, o fato de haver uma variação linguística tão significativa, está interligada às interações sociais e étnicas diversas e a construção de mecanismos de defesa durante séculos de opressão social, cultural e econômica. Como afirma Bortoni-Ricardo:

O fenômeno adquire maior relevância no caso das minorias étnicas nas comunidades urbanas. As variedades sociais e étnicas são marcadas por alguns traços que atuam como uma peça de resistência à assimilação. Os falantes usam esses recursos de variação da língua para enfatizar sua identidade, alternando-os com traços equivalentes da norma-padrão quando as circunstâncias o exigem (BORTONI-RICARDO 2005, p. 23).

Existem grupos sociais que ainda conseguem manter-se comunicando entre si e outros grupos sem perder a identidade da língua em suas comunidades, mas que quando necessitam utilizam da língua padrão para dialogar com pessoas de outros grupos de falantes. Alguns quilombolas afirmam que se esforçam para treinar a “fala correta” para poder viver na cidade entre as “pessoas com mais cultura”. O fato de os quilombolas pensarem assim revela traços da opressão, da exclusão vividas por eles durante séculos. Neste contexto, surge a educação para fazer com que os quilombolas saibam que não se tratam de ser culto ou não, trata-se de especificidades e diversidade de culturas, vivências, experiências e outras.

Neste capítulo foi apresentado um breve histórico panorâmico da Educação do Campo, contextualizando com a realidade da Comunidade Tinguizal, campo de pesquisa do tema proposto. Para melhor ilustrar as conquistas nesta área, foi abordada a temática da Licenciatura da Educação do Campo – Ledoc, sua importância na construção e reconstrução de uma nova dialógica entre aprendizagem e espaço considerado rural com suas especificidades e tradições como é o caso da comunidade destaque deste trabalho.

CAPÍTULO III

A PESQUISA NA COMUNIDADE TINGUIZAL: RESULTADO E DISCUSSÃO

3.1. A pesquisa de campo

A pesquisa foi realizada no ano de 2015 na Comunidade Quilombola Tinguizal – Município de Monte Alegre de Goiás. Foram entrevistadas onze pessoas, porém apenas sete pessoas foram selecionadas e suas falas utilizadas neste trabalho. Como moro na comunidade, realizei visitas individuais a cada entrevistado, somente no caso dos estudantes que foram entrevistados na escola. A conversa foi direta, ou seja, falei sobre o assunto, o curso que estava fazendo e a importância deste trabalho de pesquisa para a comunidade. Fui bem recebida em todas as casas visitadas e todos eles falaram de suas vidas, experiências e vivências cotidianas, permitindo que por meio da oralidade, pudesse melhor registrar as especificidades das falas.

3.2. Coleta de dados

O levantamento de dados como já dito, foi feito por meio da oralidade através de entrevistas oral com conversas espontâneas. Depois de falar sobre a pesquisa e o curso que estava concluindo, disse que eu iria fazendo as perguntas e eles poderiam responder sem pressa, deixando que ficasse a vontade. Para manter a organização das ideias e dos dados coletados, algumas perguntas foram feitas, entre elas: 1 – Como se chama? 2 – Qual a sua idade? 3 – Me fale se nasceu aqui, como foi sua vida neste lugar, sua família: 5 – Como é viver em comunidade considerada um quilombo, afastados da cidade? 6 – O que acha da escola local? 7 - Teve condições de estudar? 8 - O povo Kalunga fala um pouco diferente de outras comunidades, sabe por quê? E através disso foi acontecendo o bate papo.

3.3. Níveis de variação linguística: fonético, fonológico, morfológico, semântico e lexical – teoria e prática.

Existem vários níveis de variação linguística, o que os difere uns dos outros são as situações e complexidades como fonética, a fonologia, a morfologia, a semântica e a lexical. De modo geral, os especialistas em linguagem e ou linguística

utilizam desses níveis para destacar a que variação o grupo social pesquisado estão inseridos.

É importante ressaltar que a variação linguística se deu por meio das relações consideradas desgastantes ao longo da história, como por exemplo, o processo de escravidão no Brasil, as constantes imigrações, a separação de duas distintas realidades de falantes, os da zona rural e os da zona urbana. No contexto das comunidades Kalungas, temos variações linguísticas preservadas ao longo de centenas de anos.

Parte desta grande diversidade que envolve características complexas e ao mesmo tempo ricas, no que se trata da fala e da comunicação desses falantes, aos poucos estão sendo aprimorada, esquecida, para dar lugar a uma língua padrão, padronizada a uma realidade de competitividade no mundo externo ao quilombo.

A variação linguística conforme nos afirma Vellasco e Sousa (2007), manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem. Dá-se, então, em função do emissor e em função do receptor. Diversos fatores, como região, faixa etária, classe social, tempo e profissão são responsáveis pela variação da língua, como você já viu neste fascículo. Na concepção de dessas autoras existem três nível de variação linguística, dos quais melhor ilustra a temática em foco:

- **Nível fonológico:** por exemplo, o “l” final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um “u”; o “r” caipira; o “s” chiado dos cariocas, dos catarinenses e dos nortistas. Na comunidade percebo que não se pronuncia de acordo com o nível fonológico.

No contexto da Comunidade Tinguizal não é este o caso de como se falam, os membros desta comunidade falam de forma peculiar, ou seja, com características bem diferentes de outras regiões, eles pronunciam algumas palavras com certa mistura de sons, características de línguas com traços de diferentes nacionalidades devidas o processo histórico a que foram expostos durante séculos de escravidão e opressão em diferentes contextos no Brasil e no mundo, dos quais ficaram sujeitos a novas culturas e modos de falar. É comum retirar o // e /o/ das palavras, como em algodão que fica agudão, ou o tirar o //ve colocar o /r/ ou /v/ como em alma que fica aima ou arma. É comum uma mesma palavra ser pronunciada de diferentes formas em uma só comunidade, como é o caso de Tinguizal, por exemplo: uns pronunciam argudão, outros, agudão.

- **Nível morfossintático:** muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: “manteu”, em vez de “manteve”; “ansio”, em vez de “anseio”. Certos segmentos sociais, “vinheru” em vez de “vieram”. Na fala não monitorada as pessoas tendem a não realizar a concordância entre sujeito e verbo, e isso ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: “eu lhe vi” ao invés de “eu o vi”. De acordo com os autores citados percebo que o nível morfossintático tem relação com minha comunidade no modo de falar, como exemplo: na fala de seu (L), um morador da comunidade, muitas palavras são trocadas uma pela outra como o /o/ é trocado pelo /u/ é também o /e/ muitas vezes é trocado pelo /i/ “ontigament a vida aqui era muit sofrido, as casa era di páia infiada de inchumento”. Na comunidade Tinguizal no qual se desenvolveu esta pesquisa percebe-se que os povos, inclusive os mais velhos falam dessa forma como trocar uma palavra pela outra e acredito que é por devido eles falar da forma mais fácil, ou até mesmo vindo de geração, e tradições diferenciado, que acabou, fazendo com que eles permanecessem nessa cultura.

De modo geral é necessário um estudo mais aprofundado para melhor caracterizar as especificidades linguísticas da comunidade, mas por meio desta pesquisa já é possível afirmar que Tinguizal é uma Comunidade Linguística com variações próprias, de origem diversificada, adaptada ao longo de séculos para satisfazer aos interesses de comunicação do grupo e suas necessidades de se auto sustentarem em meio a uma comunidade até algumas décadas atrás isoladas das demais.

- **Nível lexical:** algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se “miúdo”, ao passo que no Brasil usa-se “moleque”, “garoto”, “menino”, “guri”; a linguagem dos jovens, vulgarmente chamada de “gírias”, é, tipicamente, um processo de variação vocabular. (VELLASCO e SOUSA 2007, p.27- 28)

No nível lexical a comunidade Tinguizal com a convivência com outras etnias que possui o nível lexical fez com que a comunidade inclusive os mais jovens adquirisse outros tipos de fala como as gírias ex: “qual é a tua mano”, “se liga cara”, enfim”. Saindo desta afirmação de uma linguagem específica da comunidade como já dito, surgem os dialetos e as novas comunicações por meio de falas ou oralidade

e curtas escritas em aparelhos tecnológicos de comunicação como celulares, tablets e outros.

As curtas escritas ou resumos, abreviações de assuntos e palavras, são muito comuns entre os jovens que para diminuir o tempo e espaço da comunicação, criam mecanismos diferentes dos padrões convencionais. Para muitos jovens quilombolas essas são formas de melhor inserção no grupo social externo de suas comunidades, como por exemplo, a cidade.

Como já dito esses jovens muitas vezes se envergonham de suas formas de falar e buscavam aprimorar em outras comunidades linguísticas para assim fazer parte delas sem se sentir diferente. Neste contexto a educação deve promover um diálogo desde o ensino fundamental para que ocorra o entendimento e o respeito estas tão fascinantes formas de falar na Comunidade Tinguizal, em especial e principalmente junto aos mais velhos que têm importantes contribuições a oferecer a educação.

Contextualizando os níveis se percebe que na Comunidade Tinguizal o Nível morfossintático por caracterizar melhor as formas de expressão das palavras pelos quilombolas. É que será exposto neste Capítulo III, no subtítulo 3.1 - As Variedades Linguísticas existentes na Comunidade Tinguizal de Monte Alegre de Goiás numa perspectiva educacional. O quadro de registro das variações linguísticas traz a apresentação dialógica de pessoas da comunidade, destacando algumas palavras mais usadas no dia a dia da comunidade.

Existem dois tipos de variedades linguísticas: os dialetos (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores) e os estilos ou registros (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação) (VELLASCO e SOUSA 2007, p.28)

Deixando de lado os dialetos, que não é o caso da Comunidade Tinguizal, destaca-se os estilos e registros de uma linguagem com traços culturais, neste contexto o uso que se faz da língua dependem daqueles que são considerados os receptores, que compreendem a língua, sua mensagem e sua complexidade significativa e situacional. Para entender melhor, destacamos a fala de Dona (B) que diz: “Morava nu Riachão, ai casei i fui pu arêa. Quando casei tava cum 21 anos num dei certo cum meu marido não, hoje to laigada dele, agora to suzinha graças a Deus ninguém me abusa” (DONA B., 70 ANOS),

Essa senhora nos revela sua história e ao mesmo tempo nos faz entender sua satisfação em viver sozinha por algum motivo que não foi explicado. Essa fala pode ser compreendida pela maioria dos falantes da língua portuguesa, culta ou não. É que ao expressar, Dona (B) revela seu próprio estilo de fala, a variação neste contexto é compreendida, embora não atenda as complexidades da gramática e ortografia da língua portuguesa. Sousa e Machado

Trata da coesão textual como sendo o respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados por meio de recursos também linguísticos, formando uma sequência veiculadora de sentidos, referindo-se, pois, às relações de sentidos que se estabelecem no interior do texto, constituído por um conjunto de relações de coesão que retoma palavras e informações. (SOUSA e MACHADO, 2014 p.19-20)

Já na fala de (I.) de 13 anos, observa-se certa mudança de variação, ou seja, uma aproximação maior da norma culta na expressão da fala: “Moro no Tinguizal, nasci aqui e moro até hoje, comecei meus estudo com seis anos, a matéria que mais gosto é educação física, porque gosto muito de jogar bola, aqui é tudo de bom pra mim, na minha casa mexo cum roçada, e todos os dias à tarde vou pegar gado no pasto para tirar leitu”. (aluno I. 13 ANOS). Os estilos de uma variação linguística mais acentuada ganha formatação da língua padrão e quase não se vê traços das falas tradicionalmente expressadas no dia a dia.

Para entender a linguagem recorreremos a situações e normas complexas. No caso variação linguística na Comunidade Tinguizal, a compreensão das falas por meio da expressão de seus falantes pode estar na ligação entre realidade, mensagem contextual e algumas palavras que ligam uma as outras dando significação e compreensão ao que é falado.

Ao tratar da coesão referencial, focalizando categorias linguísticas na constituição discursiva oral e escrita, identificamos a função morfossintática e semântica dos elementos que vão constituindo o sentido do texto. Dentro desse enquadro, pontuamos a coesão que se dá por meio de pronomes, no processo de anaforização. Também pontuamos aspectos semânticos que contribuem para a produção de textos, como hiperonímia e hiponímia, entre outro. A reescrita nos permite visualizar as diversas formas de dizer uma mesma coisa. A escolha de como devemos nos expressar é condicionada pela situação comunicacional, pelo contexto (SOUSA e MACHADO, 2014 p.20,25).

Pensar, agir, fazer e produzir algo, expor ideias, transmitir conhecimentos e valores, são para os quilombolas algo que requer atenção e cuidados. Ao tratar de suas vivências, eles descrevem a vida com precisão na oralidade, é como se desfiasse um novelo de linha sem parar, uma vida construída ao longo de anos que de repente eles fazem questão de recontar, ou talvez desconstruir para dizer: “Nós existimos, resistimos, vencemos e merecemos respeito a nossa cultura, nosso jeito de ser, viver e expressar”! Silva e Alves (2014) ressaltam:

Que ainda que uma das preocupações seja tornar o aluno “multilíngue” na sua própria língua. Ele deve ser capaz de reconhecer várias manifestações da mesma língua, dependendo do contexto de produção, e deve ser capaz de transportar-se de uma para outra, dependendo da necessidade. Transportar o discurso oral para o escrito é outra habilidade a ser desenvolvida e requer treinamento, ao contrário do que alguns imaginam. (SILVA E ALVES, 2014 p.66)

De modo geral, a língua é reinventada, enfeitada, ilustrada de várias maneiras, cores, sons e significados. O quilombo se faz presente desde um passado de marcas duras de opressão, o quilombo fala e falando parece cantar ou até mesmo expandir em grande tela imagens de um passado que parece tão presente e que muita gente tenta, deixar para trás com a simples desculpa: de esquecer o passado. Mas os quilombolas fazem questão de expressar sua história, contar suas faces e suas façanhas, linguagens próprias e ou resultantes de relações impropriadas. Inapropriado seria dizer que os quilombolas falam errado, porque eles falam o que a sua realidade e contexto são com seus significados e especificidades de uma diversidade cultural rica e extremamente bela.

3.4. Variedades linguísticas (Variação Linguística):

O homem é um ser social, a comunicação é essencial para que haja entendimento no grupo e na sociedade como um todo. Essa comunicação se dá por meio da evolução ou não de cada grupo por meio da língua. Ocorre que um grupo social pode preservar sua língua por longos anos, ou simplesmente renová-las a cada etapa ou pequenos espaços de tempo. Tudo vai depender do contexto histórico, cultural e econômico de cada grupo social. Não se classifica uma comunicação/língua de um grupo considerando rico ou pobre, culta ou não. Bagno (2007) nos faz refletir que:

a língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações. O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre a língua e gramática normativa. Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses (BAGNO 2007, p. 9 e 13)

Na Comunidade Quilombola Tinguizal as variedades podem ser observadas por meio de expressões simples do dia a dia, por exemplo, na frase: “ontigament a vida aqui era muit sofrido, as casa era di páia infiada de inchumento, num tinha carru, nois ondava a cavalo e di pé e gastava 30 dias di ida i vorta em Barrera” (L., 81 ANOS),

Fica claro a expressão de preocupação e a simplicidade como seu (L.) fala sobre o passado histórico econômico e cultural. Embora a fala expresse variação linguística, o texto é compreensível, mesmo que algumas palavras fogem a significação imediata, o que pode ocorrer na língua padrão portuguesa da qual muitas vezes há de se recorrer ao dicionário para saber do que se trata. Neste caso, na fala de seu (L) algumas palavras podem parecer estranha, mas todas estão de certa forma interligadas a um sistema de significação que envolve língua padrão e língua contextual. Vellasco e Sousa (2007) salientam que,

a linguística é a vertente que estuda cientificamente a linguagem humana, descrevendo e explicando como funciona o sistema de uma determinada língua particular. Por exemplo, um linguista escolhe uma comunidade indígena para estudar a língua dos falantes dessa comunidade. Primeiro ele registra os sons dessa língua, ou seja, descreve foneticamente os sons da língua. Hipoteticamente, ele registra a sequência sonora. Depois, começa o trabalho fonológico, que consiste em comparar tais sons a outros sons para saber se aqueles são fonemas ou não. (VELLASCO e SOUSA 2007, p. 10)

Vale lembrar que ainda se pode estudar uma língua por meio das especificidades linguísticas de uma comunidade apenas para registro das variações de uma comunidade. Para isto é necessário conhecer a comunidade, seu passado histórico, sua descendência social e cultural, todos os aspectos que a compõe na atualidade, sua articulação com outras comunidades diferentes ou não de suas características.

Em se tratando da pesquisa em foco, o estudo tem como objetivo destacar a variação linguística na Comunidade Tinguizal e discutir sua importância social e

cultural no âmbito da educação local, de modo a promover o respeito e devido valor as especificidades contextuais. Pode se dizer que o estudo trata-se de uma análise da língua no período histórico passado e atual, ou seja, suas origens e a atual realidade de seus falantes e falas, enquanto comunicação dentro e fora de seus espaços de vivências. Segundo Vellasco e Sousa (2007),

O estudo linguístico de uma dada língua pode ser diacrônico ou sincrônico. É diacrônico quando é feita uma descrição da língua, percorrendo seu desenvolvimento histórico e registrando as mudanças processadas nela ao longo do tempo. O sincrônico consiste no estudo de uma determinada língua em um tempo específico. A Linguística tem várias vertentes de estudo, ou seja, subdivisões que estudam um determinado fenômeno linguístico, que são a Fonética, a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe, a Semântica, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Análise do Discurso, entre outras. (LYONS, 1982, p. 54, apud VELLASCO e SOUSA 2007, p. 11).

No cenário da pesquisa a que se trata o tema, os discursos são analisados de forma crítica construtiva, partindo da compreensão histórica e das relações que foram expostos os pesquisados. Assim, dados bibliográficos que informam e estabelecem conhecimentos acerca da temática abordada são alinhados a uma compreensão da realidade da Comunidade Quilombola Tinguizal, formatando assim a variação linguística da comunidade citada. “A linguística é uma ciência descritiva e não prescritiva porque investiga e registra a fala dos membros de uma comunidade linguística não impondo outras “regras ou normas de correção exógenas.” (VELLASCO e SOUSA 2007, p. 11)

Há que se considerar que para cada estudo sobre a língua deve se considerar as questões que envolvem o preconceito linguístico. Muitas comunidades tradicionais ainda sofrem situações de discriminação social e cultural por preservar suas raízes culturais, inclusive a linguagem padrão da comunicação em seus grupos sociais. Sim linguagem padrão em seus grupos sociais, pois não se trata de padrão apenas a norma culta da língua, mas de um padrão de comunicação entre pessoas, uma língua preservada ao longo de anos ou simplesmente inovada para atender as necessidades do referido grupo social, neste contexto a Comunidade Tinguizal. Ainda conforme Vellasco e Sousa (2007),

O pleno domínio da língua materna possibilita ao sujeito a participação na sociedade. A língua é a instituição social que lhe permite manifestar seus pensamentos; comunicar-se com seus interlocutores; ter acesso aos meios de comunicação de massa;

expressar suas ideias em diferentes aspectos e circunstâncias; fazer inferências sobre a situação social, política e econômica do país. (VELLASCO e SOUSA 2007, p. 11)

Não defende este trabalho a ideia de que os quilombolas devam pra sempre expressar apenas a variação linguística contextual, mas preservar esta forma de fala para que se preserve a identidade cultural dos mesmos. Isso não quer dizer que não de aplica a mediação das normas cultas e padrão da língua portuguesa. É necessário refletir e considerar uma educação capaz de dialogar entre ambas as formas de expressão da fala e também da escrita.

A linguagem é o meio de construção da identidade do sujeito, porque é um instrumento de interação integrado às trocas de experiências sociais, à comunicação e à construção de novos saberes. A linguagem e a sociedade estão em um processo dialético constante porque o sujeito está inserido na sociedade, cuja linguagem é o instrumento de construção do conhecimento desse sujeito social (VELLASCO e SOUSA 2007, p. 11)

Enquanto educação deve-se pensar na língua como forma de construção de diferentes saberes no grupo e na sociedade, sendo que as diferenças propõem apenas a afirmação de uma identidade que espaço ou grupo social adquiriu ao longo sua formação história, cultural e econômica.

A língua é um código espontâneo produzido e usado por uma determinada comunidade de fala, com o objetivo maior de que o homem interaja com os seus semelhantes, comunique os seus pensamentos, sentimentos, ações etc., trocando experiências, emoções, afeto, etc. (VELLASCO e SOUSA 2007, p. 18)

Não há como produzir um sistema linguístico sem existir para quem o mesmo vai atender, porém cada grupo social recriam seus códigos de comunicação para ser entendidos em outros diferentes grupos. Seja qual for à comunidade e qual for a sua forma de comunicação, haverá sempre algum meio de se fazer entender em outras comunidades.

Tratando das variações linguísticas, este é um importante aspecto a ser observado ao se tratar de exploração de turismo cultural. A língua é uma importante ferramenta de comunicação, cada comunidade dependendo de sua história e contexto, tem propriedades linguísticas com marcantes significados e valor cultural. Aliás, a Educação do Campo deve propor metodologias que visem significar com precisão, não permitindo que tal forma de linguagens do campo se perca, como é o

caso dos quilombolas e suas formas de expressar por meio de uma linguagem única.

Nós seres humanos, somos frutos do meio social e cultural que vivemos, portanto nossa língua é nossa forma de inter-relacionar-se com o meio e com o mundo. Em se tratando das variações linguísticas da Comunidade Tinguizal, o processo de comunicação com o mundo ocorre de maneira tímida, na maioria das vezes com um esforço grande para apagar o dialeto local, o que configura perda de identidade cultural. É que os quilombolas em sua maioria ao ir para a cidade tentam a todo custo apagar seu jeito de falar e tornar-se igual aos demais da cidade no jeito de falar, outros até envergonham de expressar sua cultura. Espera-se dos educadores, uma percepção apurada da situação no tocante momento da mediação dos saberes nas comunidades quilombolas, o que exige de cada professor destas comunidades rever conceitos de ensino, currículo, planejamento e metodologias de aprendizagem nas escolas quilombolas.

Surgem nesta pesquisa reflexões de como catalogar, ou seja, levantar dados e configurar esta pesquisa de maneira sólida e eficaz ao que se espera deste trabalho e, por último, o que a educação pode proporcionar enquanto trabalho de mediação saberes capaz de trabalhar a temática, de maneira ética e democrática, possibilitando a ressignificação do processo de comunicação deste grupo social. Como proceder pedagogicamente, ética e democrática com uma prática educativa que possa fazer com que língua culta ou padrão, dialogue com a língua local e suas variações, sem com isso causar um impacto negativo, ou seja, sem ser taxativo ao ponto de os quilombolas se sentirem ainda mais excluídos em suas especificidades linguísticas.

Pode-se afirmar que a pesquisa em tela, pode e muito contribuir com uma discussão aberta, ética e democrática, e que na sala de aula os educadores possam partir de uma reflexão desta temática, considerando o quilombo, em primeiro momento, como lugar de gente, que falam ou comunicam entre si e o mundo, e que são diferentes sim, porém essas diferenças não devem ser motivos de incertezas e ou de medo para ser trabalhadas no processo de mediação do saber, ao contrário, são diferenças que somam valores ricos, uma diversidade cultural digna de ser respeitada e preservada.

Com base nas falas dos entrevistados foi elaborada a tabela a seguir com algumas variações linguísticas da Comunidade Tinguizal.

3.5. Quadro Registro das Variedades Linguísticas na Comunidade Tinguizal.

Como falam	O que significa	Norma considerada culta
AGUDÃO	Planta que produz uma pluma macia e que é usada para confecção de roupas, tecidos, cobertores e outros.	ALGODÃO
AMINHÃ	Tempo, diz respeito a alguma ação do dia seguinte.	AMANHÃ
ÁUGUA	Líquido essencial à vida encontrado em rios, lenções subterrâneos, mares, oceanos, lagos, etc.	ÁGUA
BARRER	Ato ou ação de varrer um espaço, retirar a sujeira com uso de vassoura.	VARRER
BULO	Recipiente usado para coar e armazenar café.	BULE
BOLI	Alimento feito de ingredientes variados, assados, fritos, de forno, de panela.	BOLO
BASA	Parte da madeira que põe no fogão a lenha para cozinhar, carvão ainda aceso.	BRAZA
BOIÇA	Adereço de moda, recipiente para carregar objetos, roupas e outros. Bolsa d água, bolsa protetora do bebê na barrida da mãe.	BOLSA
BIZERRO	Animal ainda filhote, filhote de gado.	BEZERRO
CARRU	Veículo de tração animal e ou a motor.	CARRO
CASÔ	Indica casamento, ação que ocorreu no passado.	CASOU / CASAR
CHEGUEMU	Tempo, do verbo chegar.	CHEGAMOS

CUMPONHERINHA	Companheira, companheirona, pessoa que faz companhia a alguém, amiga, filho, irmão, entre outros.	COMPANHEIRINHA
FAMIA	Grupo social, família, pessoas com laços sanguíneos.	FAMÍLIA
FIO	Filho, aquele que nasce do ventre da mãe, ou que é adotado com o mesmo amor e aceitação de um filho legítimo.	FILHO
MÕE	Mãe, aquela que dá a luz, cria e educa.	MÃE
PÁIA	Folha de palmeira conhecida na comunidade como piaçaba e outra como palmeira, usada para cobrir casas.	PALHA
PARTERA	Aquela que auxilia no parto, profissão comum nas comunidades quilombolas.	PARTEIRA
POVU	Indica coletividade, pessoas da comunidade ou da cidade.	POVO
PRUQUÊ	A palavra é usada para indicar uma pergunta ou indagação e também para afirmar ao mesmo tempo a indagação de alguém. Tanto para pergunta como para resposta usa-se a mesma pronúncia e som.	PORQUE, POR QU
SUZINHA	A palavra é usada quando se quer falar da solidão, do ficar sozinha (o) no final da vida, em algum lugar, abandono, entre outras.	SOZINHA
VASSORA	Objeto muito comum nas casas, feitas de palhas e talos de plantas, servem para varrer ou limpar casas e quintais.	VASSOURA

VEIME	Tipo de microrganismo nocivo à saúde que afeta o ser humano e outros animais.	VERME
VOLANTU	Parte de automóvel usado para controlar a direção.	VOLANTE

3.6. As Variedades Linguísticas existentes na Comunidade Tinguizal de Monte Alegre de Goiás numa perspectiva educacional. (diálogos e registros de palavras):

3.6.1. Dialogando com os entrevistados

Observa nos diálogos a seguir que há uma série de falas cuja expressão da língua por meio oralidade se pode entender perfeitamente tudo que está sendo falado, isso porque se trata dos sons, do contexto da fala com sua ilustração com o social, econômico e cultura e de faixa etária de cada entrevistado.

Entrevistado (a) 1:

Antigamente a vida aqui era muito sofrida, a casa era de pau e de farinha de mandioca, não tinha carro, não tinha cavalo e o pé que gastava 30 dias de ida e volta, não iam também em barragem em Belém do Pará ia de bote para comprar sal, ferro, que gastava um ano de ida e volta uns nem conseguia voltar murria na estrada de sofrimento. A roupa que vestia era de algodão que fazia de agulha, não tinha água encanada, não ia era num rio, para não comer tinha que ir caçar carne de caça, feijão de feijão, o que era de toucinho de porco, e de coco, não fazia também farinha para vender e vendia também carne de caça, leite de vaca, vendia para comprar comer e outros coisas. Antigamente não havia desmatamento, somente para fazer pasto e casa. Hoje a vida tá bem mais fácil porque alguns vivem de boiadeiro, aposentadoria, e alguns trabalham nas escolas como professor e merendeira, só tá difícil porque os alunos vão para a escola de pé (SEU L. 81 ANOS)

A idade avançada, as vivências históricas e as dificuldades são retratadas de maneira simples, porém com riquezas de detalhes que logo deslumbram qualquer pesquisador. Como

Entrevistado (a) 2:

Morava no Riachão, aí casei e fui para lá. Quando casei tava com 21 anos num dia certo com meu marido não, hoje tô laçada dele, agora tô suzinha graças a Deus ninguém me abuse. Quando morava com ele trabalhava de mais sobrevivia através da roça, trabalhava com barrigão de resguardo, sofria de mais laquei homem pra lá, hoje tenho

minha casa e meu dinherim. Antigamente eu era umas das mió partera daqui, peguei muitos minino das muiê daqui. (DONA B. 70 ANOS)

É importante que saiba que cada um registra sua identidade enquanto parte social, cultural e política da comunidade, deixando claro sua identidade, suas necessidades e ao mesmo tempo, permitindo se respeitar pelo que são sua história e seus feitos pela comunidade.

Entrevistado (a) 3:

Eu nasci nu sacco grande momõe choma Santina i papai chama Manoel, minha partera qui mi pego foi a bisavô de Jeimona. Casei cum 19 anos pó povu antigamente as moça tinha qui casa. Eu má irimô cazô dia 8 de Julio tudo num mermo dia. Tive oito fio tudo aqui na roça, uma delas demoro 3 anos pá andar, e o mais novo fiquei 5 dias cum dor, hoje quando eu vejo um fio falar grosso com a mãe, num gosto, fio tem qui dá valor na mãe, esse tanto de fio que tive hoje to aqui suzinha, pá me distrair pego a vassora i vó barrer, pá ver se o tempo passa fazendo as coisa, praque pirdi minha fia, ela era minha distração , minha cumponherinha. (DONA N. 59 ANOS).

Dona (N) enfatiza sua história de vida e sua veneração pelo respeito à família. É possível observar que a maioria dos entrevistados afirma ter saído pouco da comunidade em busca de conforto ou de ajuda, seja na saúde e ou em situações de necessidades econômicas. O que configura que gerações viveram assim, até porque era uma condição imposta pela escravidão e, logo depois, pelo preconceito que os quilombolas sofriam na cidade.

Entrevistado (a) 4:

Nasci na fazenda sucure, com meus 2 anos me mudei para a fazenda Tinguizal, onde moro ate hoje. Quando era criança brincava com espiga de milho isso era minha boneca. Com meus 13 anos de idade comecei estudar andava uns 6 quilômetros para chegar até a escola, foi ai que comecei a ver o mundo de outra forma, me dediquei bastante ao estudo, a partir daí minha vida começou a mudar. Na escola me divertia muito, sempre pedia a Deus para eu terminar o 2 grau, para eu atuar em uma sala de aula, porque tinha dois sonhos, ser professora e conhecer o cantor Amado Batista. Quando aprendi a escrever a primeira coisa que fiz foi escrever uma carta para Amado Batista, aos 20 anos atrás mandava para o programa do Gugu, porque eu assistia na televisão as pessoas que mandava carta para seu fã e tinha um dia de princesa. Essa é um pouco da minha historia. (DONA E. 32 ANOS)

Dona (E.), bem mais jovem que os demais entrevistados, demonstra, por meio da fala, uma maior familiaridade com a chamada “comunicação formal”, ou seja, adquiriu por meio dos estudos uma linguagem oral e escrita considerada “formal ou padrão”, a norma padrão dos falantes de grupos sociais que tiveram maior acesso aos estudos formais ou conhecimento científico. Não configura que os demais não tenham o seu padrão da língua, pois o diferencial é a variação da qual ocorreu ou não durante séculos de Comunidade Quilombola isolada das transformações sociais, científicas, culturais e econômicas. Assim sendo, não pode caracterizar os primeiros registros de falas como não padrão.

Entrevistado (a) 5:

Moro no Tinguizal, nasci aqui e moro até hoje, comecei meus estudo com 6 anos, a matéria que mais gosto é educação física, porque gosto muito de jogar bola, aqui é tudo de bom pra mim, na minha casa mexo cum roçada, e todos os dias à tarde vou pegar gado no pasto para tirar leitu cedo pá nois merendar, quando amanhece o dia vou para a roça trabalhar. (I. 13 ANOS).

Na medida em que chegamos aos mais novos, crianças e adolescentes estudantes vão percebendo o distanciamento entre a língua materna e a língua formal ensinada nas escolas. Não há como descrever com toda precisão, mas se percebe que a norma considerada culta nas escolas vai aos poucos excluindo a língua padrão dos falantes da comunidade.

Entrevistado (a) 6:

Meu pai chama Adenil, e minha mãe Antônia, gosto muito da minha família, im casa o qui mais faço é lavar vazia, e vou para a roça as vezes roncar mondioca para relar, na escola a matéria que mais gosto é educação física e matemática, num gosto de brigar com ninguém, gosto de fazer amizade. (IS. 10 ANOS)

O que se percebe é que não um estudo ou uma metodologia nas escolas por parte dos educadores em estabelecer um diálogo entre os saberes populares e saberes científicos, neste contexto, entre a norma culta da língua e a língua materna.

Entrevistado (a) 7:

Minha mãe chama E. i apilido N, i meu pai chama Augusto, eu cumecei estudar com 5 anos que completei 6 em setembro, hoje to no terceiro ano, na iscola a brincadeira que mais gosto e di jogar bola, eu gosto de loncha só leito cum bulacha e a comida que mais

gosto é galinhada. Tenho 5 irmão, gosto muito di brincar cum eles i jogar bola. (G. 7 ANOS).

Considerando as diferenças das falas entre os entrevistados, podendo afirmar que a educação necessita repensar a construção dos Currículos Referências de Ensino, assim como as Universidades devem propiciar projetos e estudos em geral sobre a preservação da cultura nas comunidades e o constante diálogo entre saberes populares e científicos. Se analisar com precisão nos detalhes das falas, observará que mesmo entre as pessoas da comunidade algumas palavras ganham sons e pronúncias diferentes, o que configura maior proximidade com outros falantes de outras comunidades ou não, principalmente pessoas da zona urbana.

As mudanças das falas por parte das gerações mais novas ocorrem porque ainda não há uma educação que valorize os valores da comunidade, suas tradições culturais, suas histórias e lutas pela sustentabilidade no quilombo. Quando a educação trazer para a sala este debate, propondo diálogo, parceria e articulação entre saber científico e saber popular, haverá respeito e orgulho por toda a diversidade que compõe a comunidade campo desta pesquisa.

Neste capítulo foi discutida a pesquisa de campo, a coleta de dados, análises e interpretação das informações para ilustrar melhor a temática abordada. A fundamentação teórica retratou os Níveis de variação linguística: fonético, fonológico, morfológico, semântico e lexical – teoria e prática no contexto da educação. Também foram apresentadas algumas das Variedades linguísticas por meio de Quadro Registro dessas variações ainda existentes na comunidade. As entrevistas de diferentes pessoas e idades proporcionou uma compreensão histórica e cultural das variações linguísticas de uma geração para outra e como a educação atual tem influenciado mudanças neste contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se afirmar que diante da pesquisa realizada, a Comunidade Tinguizal, situada no Sítio Histórico e Cultural Quilombola Kalunga, revelaram uma variedade linguística rica e ainda preservada ao longo de tantos anos, mesmo com a inserção de novas formas de linguagens consideradas formais e cultas. Trata-se de um enorme acervo vivo de linguagens que merece respeito, compreensão e preservação.

Neste contexto, a educação deve e urgentemente estabelecer um diálogo constante entre a norma considerada culta e a norma padrão de linguagem da comunidade. Essa proposta pedagógica deve ser trabalhada considerando as especificidades culturais e tradicionais de Tinguizal, de modo que se atente a beleza desta cultura e sua simplicidade gestual, oral e significativa para os falantes deste tão propício espaço de saberes diversos. Trazer toda esta diversidade para a escrita em diálogo com a formalidade do ensino científico é promover cidadania, democracia e política pública de preservação da cultura local.

A escola e seus educadores devem reconstruir suas práticas de ensino, mediando os saberes científicos e populares articulados com o objetivo de tornar os educandos parte do processo de ensino, sem isso se sentirem prejudicados ou fora do contexto linguístico geral, ou padrão.

A educação na comunidade Tinguizal deve propiciar rodas de conversas, pesquisas, participação dos mais velhos em atividades de interação social e resgate da história e da cultura local. A mediação pedagógica deve reconhecer as variações linguísticas na comunidade, propor aos educandos que reflitam e se orgulhem de sua gente e suas raízes culturais, pois tudo isso forma uma identidade um povo.

A variação linguística na Comunidade Tinguizal é uma realidade com traços marcantes e que merece ser trabalhada enquanto proposta de ensino em comum acordo com o currículo da escola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rafael Sânzio Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográficas da Universidade de Brasília. Fonte: Mapa, BAIOCCHI Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, Ministério da Justiça Unesco 1999).(Trabalho campo realizado em alguns pontos do território, Governo Federal, Ministério das Cidades, SEPPIR, FUBRA, MinC 2004).

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org.) **KALUNGA: Uma história do povo kalunga**.Secretaria de educação fundamental- MEC; SEF, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2007

BORTONI-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____.**PORQUE A ESCOLA NÃO ENSINA GRAMÁTICA ASSIM?** 1.ed.-São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Diário Oficial da União, Brasília, v. 67, Sessão 1, p. 32, 9 abr. 2002.

CARNEIRO, Edison. **O quilombo dos Palmares**. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1988.

CRESWELL, Jon W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução; Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva.- 3. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2010.

Educação do Campo, **A escola vai à família** – Revista Presença Pedagógica. v.18, n.108, Nov/dez.2013.

Educação do Campo, **MST e a luta pela escola** – Revista Presença Pedagógica. v.18, n.106, jul/ago.2012.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O campo da Educação do campo**, 2005.

LIMA, L. N. M.; ALMEIDA, M. G., **A identidade territorial Kalunga e perspectivas**. Goiás – GO, 2011.

LDBEM – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

MOLINA, Mônica Castanha (Org.). **Educação do campo e pesquisa II: questões pra reflexão**. Brasília: MDA/MEC, 2010.

ROCHA, Rosário. Martins Cátia. Uso e Ensino dos tempos e modos verbais em uma perspectiva sociolinguística. In: BORTONI, RICARDO et al (org.)- **porque a escola não ensina gramática assim**. Redação Ed.-São Paulo, parábola Editorial, 2014

SOUSA, Rosineide. Machado Veruska. Coesão Referencial, aspectos morfossintáticos e semânticos. In: BORTONI, RICARDO ET AL (org.)- **porque a escola não ensina gramática assim**. Redação Ed.-São Paulo, parábola Editorial, 2014.

SILVA, Francisca. Alves Scheyla. A topicalização e outros deslocamentos, aspectos morfossintáticos e semânticos. In: BORTONI, RICARDO et al (org.) **porque a escola não ensina gramática assim**. Redação Ed.-São Paulo, parábola Editorial, 2014

SILVA, da Lino Oneide Maria: **ETNOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: APONTAMENTOS SOBRE UM CAMINHO METODOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO** - UFPI, 2013.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento e SOUSA, Rosineide : **Educação e língua materna II : linguística**. Módulo III – Brasília, Universidade de Brasília, 2007.